



O SELO DO ÚNICO NA PEDAGOGIA DE MAUD ROBART

Fernando Montes

Agradecimentos:

Os organizadores da publicação e o autor agradecem a Gabriela Amado pela preciosa colaboração no processo de tradução.

Resumo

Este relato traz reflexões sobre certos princípios que regem o trabalho de investigação realizado por Maud Robart. Quem, segundo o autor, conseguiu extrair o essencial de sua tradição afro haitiana, para levá-lo, sem falsificação, para além do seu contexto étnico-religioso específico. A experiência do selo do único na pedagogia de Maud Robart é descrita neste texto como o surgimento da *“Beleza da Presença”*.

Palavras-chave: Presença; consciência; energia; corpo; Maud Robart.

A prática de Maud Robart se situa num terreno singular, em que a complexa simplicidade, que é a sua marca, converte-se ela mesma no instrumento através do qual o artista ou o ator é lançado de imediato a confrontar-se. E, assim, ele se enfrenta com o seu diletantismo no ofício e, simultaneamente, com outro ainda mais inapreensível, o seu diletantismo no desenvolvimento do seu potencial humano. Este dispositivo oferece ao mesmo tempo a oportunidade de perceber o caminho para ultrapassar esses dois níveis de amadorismo. Ao menos este foi o desafio que o ensinamento de Maud Robart impôs ao meu percurso pessoal.

Eu conheci a Maud no verão de 1988 na Itália, quando tinha 22 anos, durante uma oficina de seleção no Workcenter de Jerzy Grotowski.¹ Foi ali que descobri, pela primeira vez, um sistema de formação do ator baseado na relação entre o ritual e o teatro, e entre o ritual e o trabalho pessoal do ator.²

Na Colômbia, a mestiçagem sociocultural é fruto de fontes étnicas tão variadas, que era difícil para mim encontrar um lugar no meio desse jogo eclético de influências discordantes. Sem levar em conta a cor da minha pele, não sabia se minhas origens eram brancas, negras ou indígenas; sentia-me “bastardo” e desenraizado, afogado na *náusea da época*. Escutando e vendo Maud cantar, experimentei um “chamado” profundo em mim... que ao mesmo tempo procedia de

¹ Maud Robart colaborou periodicamente com Jerzy Grotowski de 1977 a 1993, em diferentes programas: “Teatro das Fontes”, “Objective Drama” e também no Workcenter of Jerzy Grotowski, desenvolvendo e aprofundando sempre suas próprias investigações enraizadas na sua tradição. A presença de Maud Robart, assim como os elementos que ela selecionou para esse trabalho prático, nutriram a investigação de Grotowski convertendo-se em uma das fontes mais fecundas desses períodos antes mencionados.

² Cito a informação que recebi ao ser aceito como integrante do Workcenter: “O objetivo do CENTRO DE TRABALHO DE JERZY GROTOWSKI é transmitir a alguns indivíduos da geração mais jovem as conclusões práticas, técnicas, metodológicas e criativas ligadas ao trabalho que Grotowski desenvolveu durante quase 30 anos. (...) Os aspectos técnicos elementares do funcionamento do Centro são os seguintes: Relação precisão / organicidade. Relação tradição / trabalho pessoal. Relação ritual / espetáculo (...)”. (WORKCENTER OF JERZY GROTOWSKI. Pontedera, Itália, 1988, p. 43) (tradução nossa)

No original: «L’objectif du CENTRE DE TRAVAIL DE JERZY GROTOWSKI est de transmettre à quelques individus de la génération la plus jeune les conclusions pratiques, techniques, méthodologiques et créatives liées au travail que Grotowski a développé durant presque trente ans. (...) Les aspects techniques élémentaires du fonctionnement du Centre sont les suivants: Relation précision / organicité. Relation tradition / travail personnel.

Relation rituel / spectacle. (...) » (WORKCENTER OF JERZY GROTOWSKI. Pontedera, Itália, 1988, p. 43)

muito longe... então vi que minhas raízes se encontravam além dessas diferenças. Enquanto se desdobrava essa consciência em mim, fora só estava Maud, vestida de branco, movendo-se em concordância com a energia interior do canto. Sua voz e seu movimento faziam o espaço respirar; e eu me sentia submerso em uma beleza que nunca antes tinha percebido: beleza impessoal que emanava de algo que eu só poderia transcrever como o encontro da força da vida com a luz da consciência; uma vibração que despertava em mim uma origem desconhecida, e me reconhecia nela.

Esta experiência de unidade, de se converter em uma só coisa com o espaço, com o outro, consigo mesmo e com isso que os transcende, é uma experiência que o selo do único deixou gravado no meu coração; eu a vivenciei como o surgimento da “*Beleza da Presença*”.

Passsei quatro anos como membro do grupo guiado por Maud Robart no Workcenter, trabalhando intensamente ao seu lado.

Lembro a primeira vez que praticamos a marcha *Yanvalou*³ com ela. No início estava focado na observação de seus pés, que pareciam executar algo muito simples, dois passos para a esquerda e dois passos para a direita, avançando tranquilamente pelo espaço... Isso era tão familiar para um bailarino de salsa! Mas ao invés da facilidade esperada, parecia que tinha grilhões nos pés, e suave muito. Depois, quando consegui ver de outra maneira a forma como Maud desenvolvia o exercício, vi que existia essa onda, esse fluxo de energia que atravessava o seu corpo, e, claro, minha primeira reação automática foi a de querer reproduzi-la, martirizando torpemente minha coluna vertebral. E então começou a tortura: minha cabeça dizia uma coisa, meu corpo fazia outra, dentro dessa contradição não conseguia seguir minhas sensações mais elementares; sob o efeito dessa enorme tensão não podia escutar nem ver nada... Nesse combate entre *a vida que te quer dançar* e o pequeno eu tirano que, como sempre, quer apropriar-se de toda a experiência para o seu próprio benefício, escutei a voz de nossa guia que dizia a outro participante: “Não manipule nada, é preciso deixar que se faça por si mesmo”. Este conselho,

³ O *Yanvalou* é a dança de base praticada durante os ritos Rada no Vodou Afro Haitiano. Caracteriza-se por um movimento rítmico ondulatório que se propaga ao longo da coluna vertebral e se irradia pelo corpo a partir de um relaxamento dos ombros e da caixa torácica.

que estava destinado a outro, converteu-se em uma chave para mim, e na medida em que aprendi a ter confiança em minhas sensações, sem interpretá-las, deixava-me levar por esta forma que Maud tinha de habitar o *Yanvalou*, e fui transpassado pela intuição de que nesse fluxo de movimento existia um caminho para enraizar-se e que esse caminho era direto, pavimentado de ações simples.

Compreendi que não era *fazendo suar o pequeno eu* que a energia podia liberar-se. Foi assim que, de uma forma que não posso descrever, comecei a soltar o controle; quanto mais me abandonava, mais advinha um firme processo de abertura. Um dia, desde a parte baixa do meu ventre, começou a emergir um calor poderoso, liberando uma onda de vitalidade ascendente. Tive a experiência muito precisa de um jorro de vida abarcando todas as dimensões do meu ser. Nesse momento minha consciência já não estava ligada ao juízo, nem à racionalidade; fluuava suavemente, no espaço; movimento, conhecimento e felicidade formavam um só corpo pulsante. Agradeço à vida por ter-me feito escutar sua pulsação no coração do trabalho de Maud.

O exercício do *Yanvalou* foi muito importante para desvelar minha forma de atuar no instante. Ajudou-me a enxergar o que estava bloqueado aqui ou ali, o que obstaculizava a respiração, e o que me impedia de “deixar fazer” ao meu corpo ou mais precisamente ao meu *corpo-ser...* Converteu-se em um campo de exploração dentro do qual encontrava indicações precisas que concerniam aos aspectos que eu precisava trabalhar, polir, para avançar na lucidez em todos os planos. Para mim era o “exercício radiografia”. Graças a ele, descobria a objetividade. Com frequência tinha a impressão de partir em *yanvalou* para a conquista de minha autonomia e, paradoxalmente, me ensinava também algo da ordem da humildade.

Ao voltar ao meu país, esta formação ligada a experiências estruturantes continuou nutrindo minhas investigações na arte; mas admito também que com a necessidade de tomar as rédeas de meu próprio caminho, encontrei-me apanhado pelo sistema, imerso no redemoinho de dinâmicas divergentes e submetido às condições vigentes de uma cultura contemporânea mercantilista, erigida sobre a hipervalorização do ego. Então descobri – além do efeito determinante que o encontro com Jerzy Grotowski provocou em mim – que a aprendizagem tangível, a que me sustentava como profissional de teatro, provinha das incalculáveis horas de

trabalho que passei junto a Maud. Fui percebendo gradualmente, apesar das numerosas contradições que forjaram esse percurso, que o conteúdo vivo que fecundava minha concepção de arte se encontrava inscrito nos princípios que regem o acesso aos instrumentos utilizados por ela, mas sobretudo, na maneira como Maud atua através deles, com uma ética inquebrável. Uma ética erigida instintivamente sobre a imperiosa necessidade de servir a vida.

Depois de 25 anos de trabalho ininterrupto tento me manter sobre a senda que me permita, a minha vez, servir à vida através da arte. Uma viagem que deve empreender-se e reiniciar-se a cada dia, já que o itinerário não é fixo. E acreditar que podemos nos apropriar dele definitivamente, seria muito banal.

Seu trabalho me impeliu a questionar-me sobre a função da arte, sobre a noção da dignidade do homem no contexto contemporâneo. Maud esclareceu-me sobre o rigor que é necessário ter com a utilização de diferentes técnicas tradicionais, sendo hoje tão acessíveis a todos e cuja utilização é estimulada e, com frequência, pervertida por um efeito crescente de moda.

Hoje tenho a sensação de que ela conseguiu extrair o essencial de sua tradição afro haitiana, para levá-lo, sem falsificação, para além do seu contexto étnico-religioso específico.

Cada vez que reencontro a Maud, apesar do tempo transcorrido, sou tocado pela “Beleza da Presença” que emerge do seu trabalho. Uma presença silenciosa que me murmura o sentido do que é ser um “ser humano”. Seu trabalho é cada vez mais simples, depurado, cheio de impulsos vivos e assim mais exigente e direto.

Um nível de competência alto no qual se conjuga a “paradoxal coincidência” dos opostos, uma arte rara.

Recebido em 07/04/2017

Aprovado em 14/05/2017

Publicado em 08/09/2017